

Sartre entre Jung e Pirandello: mascaramentos e intersubjetividades.

Walmir dos Santos Monteiro¹

RESUMO

Este artigo examina o mascaramento como um processo que se faz presente nas relações entre pessoas em diversos contextos e o define como um conjunto de posturas e ações de incidência sistemática, cujo objetivo é esconder-se de modo parcial ou total, incluindo intenções. O texto recorre ao conceito de ser-no-mundo, como descrito por Jean-Paul Sartre (1905-1980), ao Arquétipo Persona de Carl Jung (1875-1961) e às práticas do teatro do espelho, de Luigi Pirandello (1867-1936). A partir do conceito de ser-no-mundo são investigados processos intersubjetivos de constituição do ser. Os estudos da Persona mostram que as pessoas muitas vezes utilizam máscaras em suas relações para se ocultarem. E considerando que a constituição de todo sujeito se dá entre contingências e facticidades, entre relações oscilantes e situações imprevistas, não são surpreendentes a incidência de mascaramentos, com suas consequências. Assim, o artigo discute a possibilidade da adoção de posturas que podem atenuar os efeitos deletérios dos mascaramentos nas relações. O presente texto nasce de uma pesquisa bibliográfica feita em artigos indexados nas bases de dados scielo e google acadêmico no período de 2010 a 2020 sobre articulações encontradas no pensamento de Sartre, Jung e Pirandello acerca dos mascaramentos presentes nas relações interpessoais.

Palavras-chave: mascaramento; ser-no-mundo; intersubjetividade; Jung; Sartre; Pirandello.

ABSTRACT

This article examines masking as a process that is present in relationships between people in different contexts and defines it as a set of postures and actions of systematic incidence, whose objective is to hide partially or totally, including intentions. The text uses the concept of being-in-the-world, as described by Jean-Paul Sartre (1905-1980), Carl Jung's Persona Archetype (1875-1961) and the practices of the mirror theater, by Luigi Pirandello (1867- 1936). From the concept of being-in-the-world, intersubjective processes of constitution of being are investigated. Persona studies show that people often use masks in their relationships to hide themselves. And considering that the constitution of every subject occurs between contingencies and facticities, between oscillating relationships and unforeseen situations, the incidence of masking, with its consequences, is not surprising. Thus, the article discusses the possibility of adopting postures that can mitigate the deleterious effects of masking on relationships. The present text arises from a bibliographic search made in articles indexed in the scielo and google academic databases in the period from 2010 to 2020 about articulations found in the thought of Sartre, Jung and Pirandello about the masks present in interpersonal relationships

Key words: being-in-the-world; intersubjectivity; relationship; family;

¹ Docente na Faculdade de Ilhéus-BA. E-mail: monteiro.walmir@gmail.com e Instagram: @walmirmsmonteiro

1. INTRODUÇÃO

O mesmo Sartre que disse que o inferno são os outros, também disse que esses outros são indispensáveis à minha constituição. Sou um ser-no-mundo e o sou de modo tão amplo que se torna impossível separar ser e mundo. Ainda de forma sobremaneira radical demonstra que não se trata de uma simples relação, mas de uma inextricável articulação em que ser e mundo se apresentam indistinguíveis.

Jung (1987), em direção equivalente assinalou que a psique pessoal e a psique coletiva não se separam, mostrando que não há quem seja único e separado. Todo humano é um ser social, de modo que a psique é – simultaneamente - individual e social.

Quando afirmo que os outros me constituem, assim como os constituo, não se trata da constituição de alguma essência ou fundamento, esse constituir se refere à escolha do leito de estrada pelo qual decido perfilar minhas decisões e ações.

E isto faço a partir do conjunto de relações que vou instaurando em minha caminhada, cabendo-me cuidar dessas relações, já que as frequentes conexões feitas ao longo de uma existência, não ocorrem inteiramente ao acaso, correspondendo para Sartre uma compreensão de sujeito além de sua singularidade, como parte de uma coletividade que o transforma e por ele é transformada (SARTRE, 1987).

Vivemos em coletividade e nos movemos entre contingências, facticidades, escolhas e consequências. E se por um lado, o “quem eu sou” se alimenta de ambientes e contatos que vão sendo engendrados enquanto vivo, por outro lado identifica-se em Sartre a importância do estado de alerta diante da responsabilidade das relações que estabeleço, que apesar de inevitáveis e úteis, devem ser alvo de permanente cuidado.

Fonte do bem, mas também do mal, os outros estão em nossas relações participando de processos que nos constituem. Conforme Augras (1978), existir é coexistir e tanto um quanto o outro se constroem dialeticamente.

Somos criados e influenciados culturalmente para romantizamos nossas relações, alimentando expectativas otimistas, mesmo quando vazias. Uma amizade, coisa simples e corriqueira, se torna facilmente uma vã promessa de perfeição, eivada de sentidos pactuais bastante improváveis.

As famílias, por exemplo, tão sacralizadas, se tornam em nossa fantasia a coisa mais pura que pode existir e de fato ela é indispensável à organização do mundo e da sociedade. Todavia, quando investigamos o que destrói a saúde mental de muita gente, encontramos com frequência, na base, famílias desestruturadas e relacionamentos extensamente doentios. E importa distinguir

a estrutura familiar aparente, muito comum e frequente, da real estrutura familiar – que permanece hígida mesmo longe dos holofotes, apesar de suas costumeiras dificuldades. E para bem dizer, onde há essa estrutura ideal? O mais provável é que toda família viva se revezando entre ações entre estruturantes e desestruturantes.

Da mesma forma, amizades e relacionamentos tornam-se muitas vezes, segundo Sartre, exercícios competitivos e pouco cooperativos. Nos termos de Sartre: “Enquanto tento livrar-me do domínio do outro, o outro tenta livrar-se do meu; enquanto procuro subjugar o outro, o outro procura me subjugar. O conflito é o sentido originário do ser-Para-outro”. (SARTRE, 1943, p 454).

Este autor ainda aponta a presença de uma relação ontológica do Para-outro que nos aliena de nós mesmos, que nos atribui um “eu” que não fundamentamos, não conseguindo a pessoa avaliar em suas próprias ações gerais o quanto ela carrega da marca do outro, ou seja, o quanto deixa de ser, para ser o outro. Dessa forma, muito do modo como cada um é, engloba aspectos da pessoa, mas também dos outros, da sociedade e das convenções, além de muita teatralidade.

Nossas relações mascaradas possuem algo de teatral, na medida em que tentamos reificar um permanente sentido amistoso, embora saibamos que não é bem assim. E isso demanda no universo sartriano ações de má-fé, ou seja, o sujeito se engana para desfrutar o engano e dele tirar algum proveito. As ações de má-fé são teatralizações da realidade.

E pensando em teatralização, Luigi Pirandello sagrou-se um dos mais importantes dramaturgos em todo o mundo, graças ao seu teatro, chamado por Pirandello (2011) de “teatro do espelho”, em virtude de apresentar lucidamente a vida real, sem disfarces e sem mentiras. Dessa forma, a sua plateia podia se encontrar cara a cara, diante desse espelho, tendo um acesso espantoso mas real de si, como de fato é, de forma intensamente real, pois entre as maiores virtudes de Pirandello, estava a sua admirável capacidade de apresentar uma competente análise psicológica em forma de teatro, lembrando na França os textos de Sartre e no Brasil algo do teatro de Nelson Rodrigues (2001): a vida como ela é. Eu como sou e você como é. Um tempinho para pendurarmos as máscaras e fantasias que vestem muitas das nossas relações.

Sobreviver a relações mascaradas torna-se uma necessidade em um mundo contemporâneo marcado mais pela influência da imagem do que pela orientação da palavra, mais por aquilo que parece ser do que pelo que efetivamente é.

2. QUEM VAMOS NOS TORNANDO, MASCARAMENTOS E MÁ-FÉ.

Para Sartre a palavra “liberdade” responde à indagação sobre “o que é o homem”. Conceitualmente o homem é o para-si, que representa o mundo dos homens, assim como o em-si representa o mundo das coisas. E no pensamento sartriano o em-si ‘é o que é’, enquanto o para-si ‘não é o que é’ e ‘é o que não é’.

Nos termos mais esclarecedores de Paulo Perdigão:

“Por causa da transcendência, o Para-Si não é o que é, pois se coloca à distância de si enquanto Ser, pelo recuo nadificador. Mas, por causa da facticidade, o Para-Si também é o que não é, ou seja, tem de ser esse Ser que não é: embora me coloque à distância do Ser que sou, tenho de ser este Ser com o qual não coincido inteiramente. Não posso escolher-me como o Nada de outro Ser. (PERDIGÃO, 1995, p. 49- 50).

Quando o autor acima se refere ao conceito sartriano de transcendência, que coloca o Para-Si na condição de não ser o que é, aproxima-nos da ideia de Sartre acerca do significado da transcendência do ego, no qual o homem se constitui fora. “No fim das contas tudo está fora, até nós próprios; fora, no mundo, entre os outros. Não é em nenhum refúgio que nos descobriremos. É na rua, na cidade, no meio da multidão, coisa entre coisas, homem entre homens” (SARTRE, 1947).

De fato, somos constituídos por uma infinidade de situações, relacionamentos e experiências que se esvaem na linha do tempo das nossas existências, conforme observou Vieira Junior (2016), acrescentando que não devemos esquecer que no meio de todos esses fatores constitutivos, lidamos com a facticidade de nossas condições, marcadas por características que não podemos mudar. E ainda que não haja uma natureza humana, há uma natureza pessoal que é dinâmica e atravessada por facticidades. Há coisas imutáveis em nós, como a cor da pele, a nacionalidade, nosso código genético e o nosso temperamento, que embora possa ser controlado por sábias escolhas, não pode ser modificado de modo permanente. (ITTO:GUZZO, 2002).

Os mascaramentos são diversos em seus procedimentos, porém, muitas vezes, são embustes que produzem ilusões, desde a mudança da cor da pele a partir de recursos cosméticos ou despigmentação até a alteração de formas corporais em cirurgias, passando por trocas de nacionalidade, aprendizado de novas línguas, costumes e até mesmo interferências no genoma, em favor do mascaramento das estruturas de um novo ser humano.

Oliveira (2013) desenvolvendo considerações sobre Sartre e a constituição humana, assinala que somos constituídos também por facticidades e contingências, sendo as facticidades fatos que não podem ser modificados e precisam ser confrontados como são. Um exemplo adicional de facticidade é a família em que nascemos, ou o fato de que um dia vamos morrer. Assim, as facticidades relativizam nossa liberdade, pois não podemos modificá-las, embora possamos escolher o que fazer com elas.

Quando efetivamente mudo a mim mesmo, diante de algo que não posso modificar, esse fato poderá permanecer inalterado, mas em minha vivência ele não será mais o mesmo e não terá mais o mesmo poder. Desfrutamos de uma “liberdade em situação”, pois a nossa liberdade de agir e as nossas possibilidades de transcendência em relação às nossas circunstâncias se dão diante de um contexto de facticidade. Segundo Heidegger, na facticidade não exercemos escolhas, mas tomamos decisões pessoais que vão definir a nossa existência. (HEIDEGGER, 2012).

Quanto às contingências, elas estão todo o tempo circundando nossas existências, como variáveis que podem definir se alguma coisa vai acontecer ou não, se algum plano dará certo ou não. Um carro quebra na estrada, você adoece, alguém perde o emprego, são contingências que interferem em nossas escolhas e redesenham muitos dos nossos caminhos, de modo que somos resultado também das contingências.

E diante da indagação do “por que alguém é de uma forma e não de outra”, Sartre (1943) lembra que o ser humano é na medida em que existe nele algo do qual não é fundamento: sua presença no mundo, ou seja, já que ninguém é fundamento de si, o natural é buscar fora esse fundamento, pois é um ser para-si, que possui consciência de si.

E no contexto da sua constituição, o homem além de se deparar com a contingência da existência, também se depara com suas possibilidades como uma estrutura ontológica do real, conforme indica Oliveira (2013). E podemos pensar nessas possibilidades como um conjunto de condições que facilitam o desenvolvimento de potencialidades, que por sua vez é o que toda pessoa possui e que precisa ser descoberto e desenvolvido.

Segundo o próprio Sartre a morte do seu pai quando ele ainda era bem pequeno, foi o maior acontecimento da sua vida: "Se tivesse vivido, meu pai teria desmoronado sobre mim e me esmagado". O filósofo afirmava que graças à ausência da figura paterna, crescera sem superego, portanto livre de agressividade ou desejo de dominação (SARTRE, 1964).

Era assim que ele via, mas é curioso para quem conhece a biografia sartriana meditar sobre o Sartre agressivo e dominador que nos salta aos olhos ao longo das suas ações e reações na vida. Mas quando Sartre (2002), afirma que aquilo que fazemos com o que fazem de nós é o mais importante, ele volta a colocar sobre nós a responsabilidade a respeito de certas limitações.

Toda pessoa deveria olhar atentamente em um espelho, contemplar minuciosamente suas feições, lembrar-se das suas formas habituais de agir e reagir, e de forma empírica identificar o quanto reproduz das características dos seus pais. Irá se surpreender ao vê-los tão nítidos. E não poderia ser diferente, afinal são seus pais. Nenhuma distância os afasta. A nossa responsabilidade se dá em relação às características deles que acolhemos, sustentamos e desenvolvemos em nós. Muitos se agarram ao pior. E depois, diante do espelho, não adianta negar paternidade ou maternidade, porque esta negação é uma forma de mascaramento que não contribui ao desenvolvimento da pessoa.

3.O PAPEL DA MÁSCARA E O ESPELHO DE PIRANDELLO

Segundo o Dicionário de Termos Junguianos (s/d), a palavra *persona* vem do Latim e significa originalmente "máscara do ator", adereço que identificava o papel que os atores representavam, lembrando os papéis que desempenhamos na sociedade e que nos servem para facilitar o contato com o mundo, além de nos proteger.

Por meio da *Persona* mostramos nossas características ideais (nem sempre reais), mas que desejamos que o mundo conheça. É a face pública, em parte calculada, assumida pelo indivíduo em relação aos outros, sendo que a *Persona* pode se originar muitas vezes de expectativas nutridas pela sociedade, imposição familiar e em parte também é gerada no âmbito da educação formal. É o papel que representamos na sociedade.

Conforme Jung, a *Persona* é um complexo funcional que vem a existir por razões de adaptação ou de conveniência pessoal. Aquilo que na realidade não se é, mas que pensamos que somos. Segundo Ferreira (2015), ao descrever os componentes de sua psicologia analítica, Jung (2008), se refere à *persona* como máscara, explicando que assim como ela representa nosso jeito de nos mostrarmos, com nossos estilos e papéis, também pode produzir dissimulações acerca da nossa verdadeira natureza, forjando uma face social que apresentamos ao mundo.

A análise etimológica da expressão *persona*, desemboca nas expressões “pessoa” e “personagem”, sugerindo-nos personagens de nós próprios. E as máscaras nos trazem uma elucidação acerca dos variados modos de mascaramentos que podemos usufruir em nossos papéis sociais, sendo que uma das atribuições possíveis do Arquétipo *Persona* é proporcionar caminhos para a criação de uma personagem que pode não ser de fato a própria pessoa, pois em cada *Persona* há um coletivo de regras emanadas da própria sociedade. (FERREIRA, 2015).

Uma das mais relevantes contribuições da *Persona* é a própria possibilidade de uma pessoa sobreviver, uma vez que uma das funções da *Persona* é capacitar uma pessoa à convivência com os demais, mesmo em relações consideradas improváveis de se preservar sem a utilização de uma eficiente máscara. Com efeito, muitas vezes somente por meio das máscaras que se pode conseguir satisfazer diversos dos códigos sociais, além das diversas modalidades de mascaramentos presentes nas pessoas. Ela tem o compromisso de expressar a singularidade do indivíduo no contexto social, rodeado por seus códigos sociais e pelas variáveis das pessoas.

Sartre (1998) afirmou certa vez que o sonho do homem é ser Deus; mais precisamente ser um em-si-para-si, imaginando-se capaz de ser absoluto, completo e determinado. A vaidade muitas vezes leva o homem a se pensar capacitado a tudo dominar, solucionar e definir, como se fosse possível associar a consciência do para-si à completude e integridade do em-si. Tal desejo se articula com a incapacidade de aceitar a angústia e a incompletude como imanências, uma vez que são componentes do ser. Sempre viveremos na expectativa de obter respostas, ao mesmo tempo em que assistimos o contínuo surgimento de novas perguntas.

O trabalho mais ilustrativo de Pirandello sobre os mascaramentos na sociedade foi a peça “Assim é, se lhe parece” (2011), que leva ao extremo a ideia mais que razoável de que a verdade, como algo absoluto, não existe. Sobre isto, vemos em Morin (2000) que toda verdade é relativa e que há verdades em série, submissas a diferentes pontos de vista. Nas palavras de Pirandello são verdades, se assim lhe parecem. De modo que nas relações que iniciamos e mantemos, o conhecimento do outro passa pelo convencimento de sua verdade, restando saber se há de fato uma correspondência entre o que a pessoa mostra e o que ela oculta, entre o que fala e o que pensa.

Pirandello (2005) considera que em determinadas situações não podemos, de forma categórica e inflexível, estabelecer que há o certo e o errado em determinada questão, ou o verdadeiro e o falso. Isto se casa com ideias monistas de Sartre, que nos ajudam a admirar a possibilidade de coexistência no contraditório.

De modo que o problema do mascaramento não está exatamente na existência de dois caminhos, duas verdades ou duas realidades, se prende mais à dimensão ética do problema. E é nesse sentido que essas reflexões desembocam no conceito existencialista de má-fé, uma vez que a má-fé se insere no centro da questão ética, quando se manipula, por exemplo, a comunicação de um desejo ou decisão em função de um interesse pessoal e em detrimento da ética da sinceridade no âmbito de uma relação que se pretende de confiança.

Em suas criações teatrais Pirandello trabalhou o estado conflitivo entre a face e a máscara, produzindo situações excêntricas que revelavam aspectos ridículos da existência humana, sendo a face uma representação das dores individuais e a máscara a representação das exigências externas e leis sociais.

Um exame geral dos trabalhos de Pirandello revela a máscara da aparência sendo modelada pelo eu dos outros, pelo mundo social, mantendo o paradoxo de que se por um lado o homem é um devir jamais concluído e determinado (Sartre, 1943), a sociedade cobra certezas e condutas fixas que aprisionam a pessoa. E ainda que a demanda seja por uma padronização de condutas, elas devem ser a todo tempo a constituição de um mascaramento, revelando a seguinte contradição: mais importante do que ser, é parecer.

Pirandello sinaliza a partir disso o quanto o conjunto de instituições que forma a sociedade serve de aparelho que cria máscaras a serviço da ocultação da individualidade, negando a liberdade e fixando as pessoas em uma classificação. Nas palavras de Guinsburg (1978), Pirandello argumenta que basicamente tentou mostrar constantemente que nada ofende tanto a vida com o reduzi-la a um conceito superficial. Os conceitos são a morte da espontaneidade e a razão inadequada ante a misteriosa qualidade da existência. O mistério se mantém para além da compreensão humana e os que os desvendassem voltariam confusos e em lágrimas.

Lidamos com duas vias de mascaramento: por um lado as máscaras impostas às pessoas pela sociedade, por outro as máscaras que as pessoas constroem para si mesmas. No primeiro caso vemos o homem aceitando a identidade que lhe é imposta pelos outros, que ele assume passivamente enquanto provavelmente se vê incerto de sua própria identidade. No segundo caso a pessoa forja um eu ideal e utilitário, a serviço dos seus interesses, se servindo de suas máscaras para “facilitar” o alcance de certos objetivos, mesmo distanciando-se de qualquer ética.

"Quando um homem vive e não se vê a si próprio, coloquem um espelho diante dele e façam que se veja no ato de viver. Ou ficará atônito com sua própria aparência ou desviará os olhos para não se ver, ou então, com nojo, cuspirá em sua imagem, ou, ainda, cerrará os punhos para quebrá-lo. Numa palavra, ocorre uma crise e essa crise é o meu teatro". (PIRANDELLO, 2005).

Laudisi, personagem da peça “Assim é, se lhe parece”, olhando atentamente seu reflexo no espelho, indaga: "O que és tu para as outras pessoas? O que és tu nos olhos delas? Uma imagem, meu caro senhor, simplesmente uma imagem no espelho! E em “Cada um à sua maneira” uma personagem diz: "Cada um de nós tem dos outros e de si próprio, o conhecimento de alguma pequena certeza que só dura um dia, que não é a certeza que foi ontem e não será a certeza de amanhã". Nesse mundo líquido², a personalidade humana dissolve-se e transfigura-se, tal como aconteceu com o herói de *O Falecido Matias Pascal* que amanheceu certa vez com a irremovível ideia de que a única certeza que podemos ter é o nosso nome. O que sem dúvida é mais uma ilusão. São exemplos de conflitos identitários do teatro pirandelliano das máscaras.

O autor, em seu existencialismo, identifica-se com o sofrimento individual, reagindo ao mundo social e suas construções.

Segundo CONTE (2012), em entrevista com Domenico Vittorini, Pirandello diz:

A sociedade é necessariamente formal e neste sentido sou antissocial, mas só no sentido de que me oponho às hipocrisias e convenções sociais. A minha arte ensina cada indivíduo a aceitar seu fardo com submissão e humildade, e com perfeita consciência das imperfeições que lhe são inerentes". Dessa maneira a adoção da máscara é, segundo ele, uma consequência inevitável de sermos humanos. Se a máscara é, muitas vezes, imposta pelo mundo externo, o mais frequente é que seja em resultado de solicitações internas. Se de um lado Hamlet diz que "Sei o que não parece", as personagens de Pirandello quase não sabem outra coisa senão o que parecem. As coisas não tem que ser verdadeiras tem que parecer verdade. (PIRANDELLO apud CONTE, 2012)

² Bauman, Zygmunt. Modernidade Líquida (2001).

Smith (2006) Apud Valle (2017), assevera que a sociedade humana é uma rede de mentiras e enganos. E desmoronaria caso se submetesse ao peso de uma honestidade excessiva. Dos contos de fadas dos nossos pais, à propaganda dos governos, passamos a vida cercados de fingimentos. Quase tudo é mentira. E nesse contexto a sociedade recorre a classificações, desde a máscara como brincadeira, até a máscara como artefato que por si já diz que há alguma ação enganosa em curso. Jung (2008), se refere à *persona* como máscara, explicando que assim como ela representa nosso jeito de nos mostrarmos, com nossos estilos e papéis

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já vimos anteriormente que Jung (2008), se referindo à *Persona* como máscara, explicou que ela representa a nossa apresentação pessoal, anunciando nossos estilos e papéis. O papel de professor, de engenheiro, de atleta...cada papel veste-se de acordo com o estilo que deseja mostrar. De modo que as máscaras e os mascaramentos também servem a esse objetivo, muito bem delineado por Sartre (1943) quando exemplifica a conduta de má-fé e diz que um garçom no papel de garçom, um motorista no papel de motorista, todos seguem um ritual de gestos, cortesias e posturas que constituem um teatro natural e identificador do seu papel na sociedade. Mascaramento e má-fé são atitudes que sustentam uma similitude que pode ser compreendida nas palavras de Sartre (1943): “Por certo, para quem pratica a má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável (...) Na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo”. Ou seja, qualquer máscara só alcança seu objetivo se o mascarado acreditar em seu próprio embuste. E é assim que funcionam os mascaramentos: o dissimulador esquece que dissimula e passa a acreditar em suas falsas razões para agir como age. Assim é, se lhe parece.

Os estudos sobre a conduta de mascaramento conduzem a uma diversidade de incidências relacionadas à dissimulação e ao engano, mas também à caracterização de papéis sociais, marcando algo muito lembrado por Sartre (1943) em seu raciocínio existencial, a propósito da má-fé, quando diz que se a consciência não é o que é, e se ser sincero é ser o que se é, o mascaramento então é inevitável.

Este autor prossegue ressaltando que apesar disso, fica naturalmente subentendido o “deves, logo podes” de Kant³. “Posso chegar a ser sincero: meu dever e meu esforço de sinceridade implicam nisso. Mas, ainda assim, como podemos criticar o outro por não ser sincero, ou rejubilar-nos por nossa sinceridade, já que a sinceridade se mostra ao mesmo tempo impossível”?

Volta aqui a questão ética. Todos representam papéis, portanto todos usam máscaras. Nem a sinceridade, nem qualquer outra virtude se inserem na vida de alguém de modo absoluto. O pensamento moderno suprimiu muitos dualismos, buscando substituí-los pelo monismo do fenômeno. Eliminamos os dualismos “certo ou errado”, “perfeito ou imperfeito”, “moral ou imoral”. O que hoje se busca é o exame ético das ações e não o seu mérito estrito, categórico e classificador. Que as pessoas sigam em frente com suas máscaras, seus jeitos e seus titubeios, tateando por aí para ver até onde conseguem chegar, mas sempre considerando e preservando o outro, conservando a dinâmica das relações na dimensão ética.

Que as máscaras escondam aquilo que ainda não está pronto para ser mostrado e compartilhado e que não estejam aptas apenas a esconder, mas também aptas a preservar dignidade nas relações e nos processos sociais, revelando continuamente o compromisso de cuidado com o outro ser humano.

Ser-no-mundo não separa o ser do mundo, nem você do outro, que é uma continuidade sua.

Dois direções são importantes na análise dos mascaramentos e suas implicações: o descarte da ilusão e a apropriação da autenticidade. Descartar a ilusão se refere à consciência de que os mascaramentos sempre estarão presentes nas relações interpessoais e muito mais próximos e íntimos do que imaginamos. E o desenvolvimento da autenticidade se impõe como uma necessidade básica para a atenuação dos mascaramentos. A fala autêntica e a prática de uma vida autêntica não são utopias.

Talvez caiba uma terceira palavra: idealização. É possível que haja um excesso de idealização nas relações e um ser humano que busca, por exemplo, um amigo, tende a idealizar e forjar o perfil de amigo que deseja, colando a sua ideia de amigo em alguém que dele se aproxima.

Às vezes somos enganados por nossas próprias buscas idealizadas e ingênuas, pois, no lugar de tentar conhecer de um modo mais racional, idealizamos de modo completamente emocional, alimentando nossa necessidade de se iludir.

³ KANT (2006). **Crítica da Razão Prática**.

Quanto ao descarte dessa ilusão de que é possível desarraigá-la da sociedade os mascaramentos, há comprovações sociais, históricas e até mesmo biológicas de que isto não é possível. Segundo a biologia evolutiva, a tendência ao engano vem de uma genealogia antiga. Desde os vírus, que são organismos simples e enganam o sistema imunológico do seu hospedeiro, até seres mais complexos, como os humanos. A natureza está repleta de formas de engano e dissimulação.

Smith apud Valle (2017), autor do livro “Por que mentimos – Os fundamentos biológicos e psicológicos da mentira”, diz que somos programados a enganar desde os primórdios da humanidade. Ele ressalta que os mascaramentos estão em toda a natureza: vírus sabotam o sistema imunológico, plantas se camuflam para evitar predadores.

O mascaramento se naturalizou de modo tão denso nas relações que a gente se convence de que há uma espécie de dependência dos mascaramentos para o equilíbrio das relações. O problema são as consequências, principalmente quando não se está preparado para enfrentar relacionamentos salpicados de mentiras e dissimulações. Que a ética, então, seja balizadora de todas as ações humanas.

REFERÊNCIAS

CASTELO BRANCO, Lucrecia de Paula. **A constituição da subjetividade a partir de Sartre e Pirandello**. Arquivos Brasileiros de Psicologia vol. 63 nº3 UERJ: Rio de Janeiro, 2011.

CONTE, Julio. **Pirandello entre o ser e o parecer**. Entrevista de Pirandello a Domenico Vittorini. Disponível em <https://bit.ly/3nkd95z> Acesso em 03/01/2021.

FERREIRA, Rita de Cássia F. **Máscaras como símbolos de comunicação e expressão**. Dissertação de Mestrado. UNISAL: Americana, 2015.

GUINSBURG, J. **Pirandello, do Teatro no Teatro**, São Paulo: Perspectiva, 1978.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes/ Campinas: Unicamp, 2012.

ITTO, Patricia; GUZZO, Raquel. **Temperamento: características e determinação genética**. Porto Alegre: Psicol. Reflex. Crit. vol.15 no. 2. 2002.

JUNG, C.G. **Psicologia do inconsciente**, São Paulo, Editora Vozes, 1984.

_____. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis, Editora Vozes, 1996.

_____. **Saint Genet, Ator e Mártir** (1952). Petrópolis: Vozes, 2002.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Escala, 2006.

OLIVEIRA, Paulo Roberto. **A religião para além da contingência humana em Jean-Paul Sartre**. Pará de Minas: SynThesis - Revista Digital FAPAM v.4 n.4, 2013. Acesso em 02/01/2021. Disponível em www.fapam.edu.br/revista

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. São Paulo: Nova Alexandria, 2005.

_____. **Assim é, se lhe parece**. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

RODRIGUES, S. – **Nelson Rodrigues: a vida como ela é**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, João P. **A esperança em Gabriel Marcel**. Revista Portuguesa de Filosofia. T. 21, Fasc. 4 (Out. - Dez., 1965), pp. 380-401.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. **Situações I**. São Paulo: Europa-América, 1947

_____. **As Palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

VALLE, Carina. **Quase tudo é mentira: as relações da sociedade com o engano**. In: Monterio, W. Psicologia Temática III. São Paulo: Amazon, 2017.

VIEIRA JUNIOR, Cesar Augusto; ARDAN-BONIFACINO, Hector; ROSO, Adriane. **A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre**. Revista Subjetividades vol. 16 no.1 Fortaleza, 2016.

DICIONÁRIO de Termos Junguianos... <https://bit.ly/2MCWv4t>. Acesso em 03/01/2021. s/d